



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

Peregrinação de Janeiro - 13

A tempestade de neve que no passado dia 11 de janeiro se desencadeou no centro do país com violência desusada abrangeu no raio de acção o vasto planalto da Serra de Aire onde estão situados os quarenta lugares da freguesia

da Fátima entre os quais a Cova da Iria com o local das aparições e os numerosos edifícios sagrados nele já construídos ou em via de conclusão.

Mas, apesar da neve em fusão, da chuva, do vento e do frio intenso, o concurso de peregrinos ao Santuário das aparições não foi muito diminuto, como tudo fazia supor.

Os actos religiosos oficiais realizaram-se na igreja da Penitenciaría que regorgitava de fiéis. Algumas centenas de pessoas não couberam no recinto sagrado, assistindo em silêncio e com devoção edificante à Missa dos doentes e à bênção eucarística, junto dos portões do templo e debaixo do Pavilhão.

O estado do tempo que ameaçava chuva não permitiu que se efectuassem as duas procissões habituais com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Celebrou a Missa do meio-dia o rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria. Fêz a homilia do costume, à estação do Evangelho, o rev. P.º Higinio Lopes Pereira Duarte, pároco da Marinha Grande. Na sua breve alocução, dissertou sobre a paz dos corações, das famílias e das nações, frisando que com o novo ano que começava deviam os devotos de Nossa Senhora da Fátima e todos os bons cristãos afervorar a sua piedade para alcançarmos da misericórdia

divina a preservação de Portugal da guerra e a paz para o mundo.

O celebrante, terminado o Santo Sacrifício, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes cujo número não excedia duas dezenas e em seguida a todo o povo. Enquanto se efectuava essa cerimónia, o rev. dr. Marques dos Santos recitou as preces e invocações usuais.

Levou a umbela o ilustre médico espanhol D. Juan Flores, director da «Junta de Peregrinações» de Valência.

Depois da bênção do Santíssimo Sacramento recitou-se o acto de consagração e cantou-se o «Adeus» dentro da mesma igreja.

Visconde de Montelo

Em prol da canonização do Beato Nuno de Santa Maria

Como foi possível que a melhor, mais nobre e mais completa figura de cavaleiro português caísse assim no olvido a ponto de nem já sequer se falar nêlé e até se atreverem lábios de portugueses degenerados a proferir afrontas contra o seu nome?

Ao domínio castelhano estabelecido sobre nós em 1580 não convinha de forma alguma que se conservasse um culto que bem podia vir a ser um despertador de virtudes antigas e um como grito de independência aos ouvidos do povo oprimido.

E pouco a pouco o culto do Beato Nuno desapareceu.

Mais tarde o liberalismo acabou a obra que os castelhanos haviam encetado.

Não lhes sabia bem glorificar um herói que fôra santo.

A devoção resfriou e do culto popular e litúrgico ao Santo Condestável pouco mais restava que uma vaga memória.

A confirmação do culto do Beato Nuno em 1917 foi quasi uma ressurreição dessa veneranda figura.

Dai por diante vários obreiros surgiram a carrear materiais em livros, conferências, artigos de jornais e revistas, solenes comemorações académicas etc., para a obra grandiosa de cujo remate nos vamos finalmente aproximar.

Queremos o Beato Nuno nos altares com as honras e a glória de santo.

E hemos de o obter. Como?

1.º — Pedindo-o a Deus.
2.º — Fazendo com que se inaugure ou intensifique o seu culto em tôdas as freguesias de Portugal.

— Que fizemos durante o mês que passou para realizar este ponto do programa?

— Se calhar, nada...
— Não nos deixemos adormecer!

3.º — Falar aos doentes nos muitos milagres, curas e ressurreições obtidas por intercessão do Beato Nuno e recomendar-lhes que peçam a sua cura a Nossa Senhora da Fátima por intercessão do Beato Nuno e para obter a sua canonização.

4.º — Estudar a vida do Beato Nuno.

Compete aos rapazes das Dioceses de Leiria e Portalegre e do Patriarcado de Lisboa tomar a deanteira.

Portalegre porque lhe deu o bérço e Lisboa o túmulo.

Leiria porque foi Conde de Ourém e aqui realizou o seu maior feito de armas: Aljubarrota.

Rapazes! Mãos à obra que o tempo passa.

Galamba de Oliveira

PROVISÃO

D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, por graça de Deus e da Santa Sé, Bispo de Leiria.

4.º que esta Nossa Provisão vierem, Saúde, Paz e Bênção em Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador.

Várias pessoas de diferentes dioceses nos têm requerido para realizar o Baptismo dos seus filhos ou o seu Matrimónio no Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Temos deferido sempre esses pedidos, mas muitas vezes a distância da Igreja Paroquial ou serviços pastorais do Rev. Pároco tornam demorada a sua comparência no Santuário, apesar da sua boa vontade, resultando daí incómodos para todos.

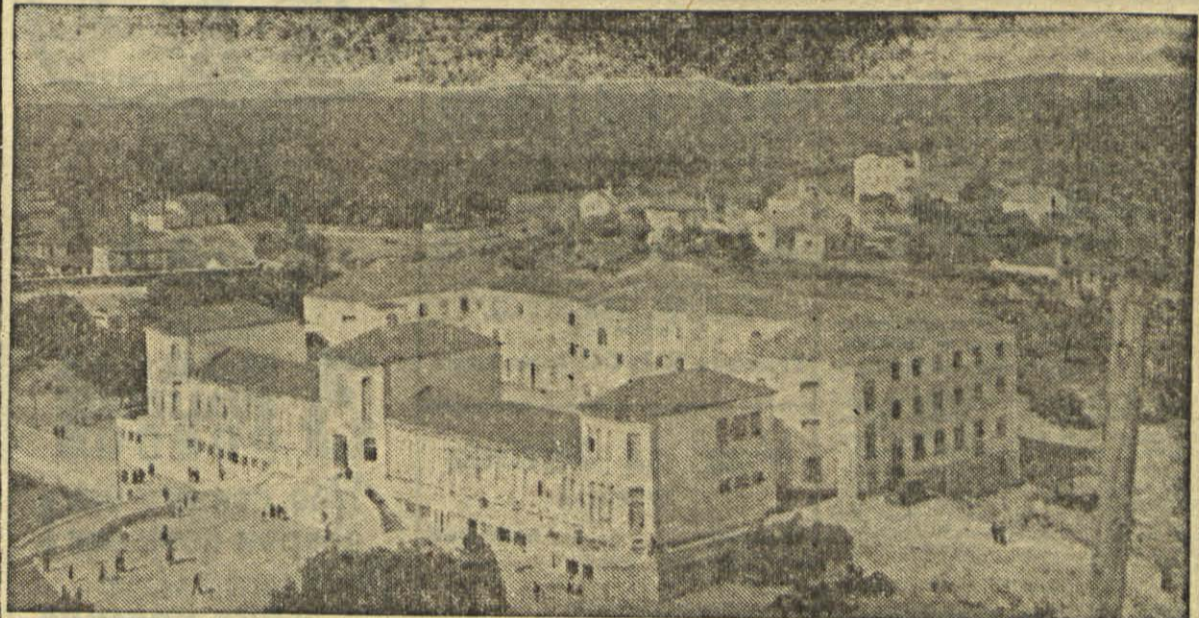
Resolvemos, pois, tendo presentes as disposições do Código do Direito Canónico, Can. 464 § 2.º e Can. 1.109, o Art.º 22 da Concordata entre Portugal e a Santa Sé e o Art.º 9 § único do Dec. n.º 30.615, concedermos jurisdição, com poderes de delegar, ao Rev. Capelão do Santuário de Nossa Senhora da Fátima para aí, com licença Nossa, administrar o Santo Baptismo e o Santo Sacramento do Matrimónio, exarando os respectivos assentos em livro próprio.

Os emolumentos taxados pela Santa Sé para a Província Eclesiástica de Lisboa, à qual pertence a Diocese de Leiria, serão aplicados, enquanto não dispusermos de outra forma, para a sustentação da Casa dos Retiros.

Esta Nossa Provisão será publicada na «Voz da Fátima», na «Lumen» e na «Voz do Domingo», de Leiria, para conhecimento de todos.

Dada em Leiria, aos 22 de Janeiro de 1941.

† JOSÉ, Bispo de Leiria



FATIMA — O Albergue dos Doentes e a Casa dos Retiros vistos do alto da igreja em construção

JUÍZO!

É perigoso brincar com o fogo. Vem aí o Entrudo, o Carnaval em que muita gente julga que está dispensada de ter juízo.

Essas loucuras pagam-se caras. Não tem nos planos da Providência outra razão de ser esta guerra, que qual pavoroso incêndio abarca o mundo todo.

É Deus a escrever direito por linhas tortas.

Pecara-se com o excesso da comida e da bebida — agora vêm os raciocínios e a fome.

Pecara-se com a idolatria do corpo e da matéria, desprezando a vida da alma e as coisas de Deus, e a guerra obriga a pôr de parte todos os comodismos, não só aos que lutam mas até à população civil.

A Humanidade lava-se no seu próprio sangue.

Ainda há pouco os Senhores Bispos da Bélgica escreviam numa Pastoral colectiva acerca dos sofrimentos por que o povo belga está a passar:

«Confessemos, caros filhos em Cristo, com franqueza e humildade, que também o nosso país terá tido a sua parte de contribuição para a desordem geral que provocou a justa intervenção divina: a luta aberta contra Deus, contra Cristo e a Igreja, a indiferença e negligência de um grande número acerca dos deveres religiosos

malg essenciais, a imoralidade publicamente estatelada, a violação das mais sagradas leis do matrimónio e os atentados contra a vida dos filhos, de que a desnatalidade crescente em quasi tôdas as nossas províncias é prova evidente, a sófrega ânsia do dinheiro e do prazer, o esquecimento dos deveres profissionais, o desprezo da justiça e da caridade nas relações entre os cidadãos, tudo isto desfigurava bem visivelmente o aspecto tradicional do povo belga.

Houvera a terrível lição de um passado próximo: podemos dizer que ele produziu os seus devidos frutos?

Bem certo é o contrário: o desnível moral só se foi acentuando, a despeito do florescimento das obras excelentes para o bem e salvação de muitas almas ávidas de progressos espirituais.

Não queremos nós outros que castigo igual, o flagelo da guerra caia sobre nós? Vamos durante este Carnaval desagravar a Deus por tanto crime que loucamente continas a cometer-se atirando sobre nós a ira Divina.

Que por toda a parte suba ao trono de Deus ofendido o incenso das nossas preces e o perfume da nossa mortificação e penitência.

Façamos desses dias, de loucura para tantos, dias de amor e reparação pela nossa parte.

Como? Em cada igreja faça-se uma solene exposição do SS. Sacramento e pro-

curem as almas piedosas acompanhar o Senhor com as suas fervorosas orações.

E onde não haja sacerdote que faça a exposição reúnam-se ao menos os fiéis à volta do Sacrário para fazer uma oração pública em comum.

Procure despertar-se o amor de tantas almas adormecidas e levá-las a confessarem-se e a comungarem nesses dias.

Aí fica um pedido ardente em nome do Coração Dulcíssimo de Jesus.

RETIRO ESPIRITUAL

para Servitas Vicentinos e outros homens e rapazes

Realiza-se na Fátima nos dias de Carnaval e começa no dia 22 à tardinha o costumado retiro espiritual fechado para Servitas.

Há um interesse especial em que os Servitas de Nossa Senhora da Fátima tomem todos parte neste retiro excepto os que preferirem fazê-lo especializado por ex. para médicos, advogados, etc.

Aceitam-se outros homens.

Para inscrição, condições ou outros esclarecimentos escrever ao Rev.º Capelão do Santuário da Fátima.

Pelo sinal da Santa Cruz... Para ganhar a guerra

—Anda, amorzinho, diz: «Pelo... sinal... da Santa... Cruz...»

Diza a avó velhinha com o neto aconchegado ao colo, pegando-lhe na mãozinha tenra com a sua idosa mão, descarnada e trémula.

E o pequeno, cinco anos vivos e espartos, lá ia riscando com o dedito uma cruz na testa a soletrar baixinho as palavras da velha, fazendo um comentário e uma pergunta a cada uma delas.

—O vizinha, mas que é a Santa Cruz?

—A Santa Cruz, filho, foi onde Nosso Senhor morreu. Vês aqui? E sacou do peito por um fio de retroz um crucifixo de pau santo que já fora de sua mãe e talvez de sua avó. Vê-lo pregado nesta cruz? O pequeno ficou calado, de olhar fito no crucifixo da sua bisavó. De repente voltou:

—E enterraram-no assim?

—Não, filho. Despregaram-lhe as mãos e os pés. Mas Ele depois de três dias tornou a viver.

—A viver?... Não entendia... Então e onde está ele agora?

—Agora está no céu.

—E onde é o céu?

—É lá em cima, muito longe...

—Lá em cima ao pé do sol para onde a maçinha foi?

—Sim.

O pequenito que ao falar na mãe via lá duas lágrimas grossas nos olhos da avó, calou-se a cismar no dia em que a vira sair no caixão toda coberta de flores. Nunca mais aquela

imagem lhe esquecera e lembrava-se de que chorara muito.

A sr.^a Ana passou o lenço pelos olhos e continuou:

—Anda, vamos lá. Agora aqui; li-vre-nos... Deus... dos... nossos inimigos.

—Mas quem são os nossos inimigos?

—São o demónio e todos aqueles que nos querem levar para o inferno.

—E nós fazemos o sinal da cruz para eles fugirem?

—Sim. Para isso e para mostrarmos que somos cristãos, amigos de Nosso Senhor.

O pai, um ferrabraz incrível ia a entrar quando a velha avó estava no resto da lição. Começou logo a tropejar como era seu costume.

—Eu não consinto que dê cabo da cabeça da criança com essas joqueias. Para que serve isso?

—Para que serve? Ora essa!... Eu bem to ensinei e Deus não me pedirá contas de o não saberes. Ora diz-me cá, para que é que serve esse distintivo que trazes sempre na lapela do casaco?

—Para provar que me bati como um valente pela Pátria, pois!...

—Ora aí tens. O Sinal da Cruz serve para mostrar que nos batemos por Cristo, como soldados. — E a nossa bandeira mas é também o nosso escudo contra o inimigo.

—Está boa... Passei por muito perigo, vi morrer muito homem ao meu lado e nunca precisei de Cruzes nem benzeduras. Foi a sorte...

—Sim... Sim... Sabes lá tu bem...

—Ninguém melhor do que eu.

—Ninguém menos do que tu. Disse a Sr.^a Ana com um ar misterioso.

—Que queres dizer?

—Que foi a cruz que te salvou.

—A mim?

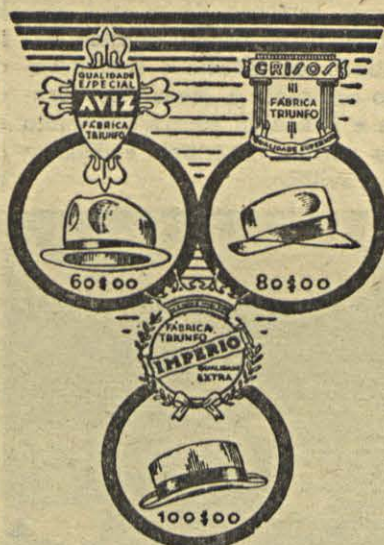
—A ti. Vai procurar na tua farda de soldado por debaixo do fôrro à altura onde bate o coração. Lá encontrarás uma medalha com uma cruzinha que te pug à partida. Vai e verás se Deus não andou contigo.

O homem ficou confundido e pensativo. Encontrara explicação para tantos milagres.

Entanto a velha lá continuou com o pequerrucho de braço na eterna tarefa de todas as avós.

P.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.



3 MARCAS QUALIDADES PREÇOS
 Não compre um chapéu qualquer!
 Procure saber o que compra.

FABRICA TRIUNFO
 J. JOAO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

LISBOA — Loja da América — Rua Azeite, 206-208; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C.^a, Ld.^a — Rua Augusta, 250; Chapalaria Confiança — Rua da Misericórdia, 145 — Grandes Armazéns do Chiado; Grandela — Rua do Carmo — Rua do Ouro; Graçiano & Nobre, Ld.^a — Rua de Belém, 63-67; Camisaria Adão — Rua Augusta, 238-240; e no Porto e nas principais localidades do país.

É UM HORROR DEPOIS DAS REFEIÇÕES!

São dores, azia, flatulência? Não pode prosseguir nos seus trabalhos nem mesmo cuidar de seus filhos? Certamente ainda não experimentou tomar duas Pastilhas Rennie depois de comer. Se o tivesse feito, veria como todos os seus incômodos lhe passavam e se sentiria feliz.

As Pastilhas Digestivas Rennie contêm anti-ácidos que acabam com a azia; absorventes que suprimem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo. Para tomar as Pastilhas Rennie não precisa de água, o que as torna sumamente cómodas. Mete as pastilhas na boca e deixa que a saliva a medida que as vai chupando. Se encarregar de servir de veículo aos seus componentes, sem os diluir e sem lhes tirar qualquer das suas propriedades. Geralmente, bastam duas Pastilhas Rennie para acabarem com as dores de estômago, com a azia ou com a flatulência. Experimente tomar Rennie ainda hoje. Vende-se em todas as farmácias a esc. 6000 os pacotes de 25 e Esc. 20000 os de 100 pastilhas.

Para ganhar a guerra, não basta haver um exército poderoso, cheio de ardor e entusiasmo. A nação que se atirasse para a luta, confiada apenas na bravura das suas tropas, cometeria um gravíssimo erro que lhe poderia ser fatal.

Soldados disciplinados e aguerridos são, na verdade um factor muito importante para a vitória, mas é necessário que os ajudem aqueles que não combatem na frente, ocupando cada um seu posto, desempenhando cada um seu papel, contribuindo todos, com trabalho ou com dinheiro, para que, a tempo e horas, lhes sejam fornecidos viveres, armas, munições e tudo o mais de que precisam.

Um exército poderoso vale, mas é necessário que, na retaguarda, haja uma harmonia e uma organização muito fortes a unir todos os cidadãos como que num segundo exército, de tal maneira que todos se esforcem e todos trabalhem para a consecução da vitória final.

É o exército da retaguarda — essa difícil e complicada máquina de guerra — em que hoje tanto se fala.

Ná Acção Católica, dá-se uma coisa semelhante:

Enquanto na frente um exército, de apóstolos cheios de ânimo e boa-vontade combate o «bom-combate» gastando as suas forças, queimando a própria vida, na defesa dos Direitos de Deus, no alargamento do Reinado de Cristo — é necessário que os católicos, que atrás das linhas de fogo, dormem muitas vezes o sono da indiferença, se unam e organizem para os ajudarem, fornecendo-lhes as armas e os meios de que necessitam para vencer. Aliás serão baldados todos os esforços.

Foi por isso e para isso que o Venerando Episcopado Português fundou, em boa hora, a Pia União dos CRUZADOS DE FATIMA — associação maravilhosa em que o maior sacrifício que se pede aos seus membros é a escola de DOIS TOSTOES POR MES e isto em troca de A Voz da Fátima e de tantas e tantas graças espirituais (MAIS DE 40 MIL MISSAS EM 6 ANOS)!

Os Cruzados de Fátima são pois o tão necessário «exército da retaguarda» da Acção Católica.

Já pertence a este exército? Se ainda não se alistou, dê imediatamente o seu nome...



Se alguma

DOENÇA DA PELE

o encoimoda, não prolongue o seu sofrimento com tratamentos inúteis, nem deite dinheiro fora, comprando preparados ineficazes. Use o

REMÉDIO INGLEZ D. D. D. que lhe dará imediato alívio aos seus males.

REMÉDIO INGLEZ D. D. D. não actua superficialmente, como as pomadas e outros preparados com que em vão se tem procurado combater o ECZEMA e outras afecções, cuja causa esteja localizada nas camadas profundas da pele.

Fluido e subtil, o **REMÉDIO INGLEZ D. D. D.** penetra nos tecidos e destrói infalivelmente as colónias microbianas, que outros tratamentos não logram atingir.

REMÉDIO INGLEZ D. D. D. não é produto empírico: é o fruto de longos trabalhos de investigação científica sobre as doenças da pele e forma de as combater, trabalhos esses a que, com exclusão de quaisquer outros, os especialistas da D. D. D. Company, Ltd., de Londres, se dedicam há mais de meio século.

EM QUAISQUER CASOS DE eczema, herpes, caspa, peliúculas do couro cabeludo, comichão, furúnculos, sarna, chagas (abertas ou húmidas), queimaduras e FRIEIRAS.

Aplicar desde já o **REMÉDIO INGLEZ D. D. D.** que ataca o mal pela raiz e restitui a saúde da pele, deixando-a limpa e sã.

A venda nas farmácias fornecedoras. Concessionário e Distribuidor: **ANTÓNIO MADUREIRA** — Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — PORTO.

Depositaro para o Sul: **PESTANA BRANCO & FERNANDES, Ld.^a** — E. Sapateiros, 39-1.º — LISBOA — Tel. 2 4286 e 2 4287.

Demasiado fatigada para GOZAR o descanso?



Como se sente, ao acordar? Demasiado fatigada para levar a cabo os seus trabalhos e para meter os pequenos na cama?

Sente-se disposta a ouvir as notícias, ou um bom concerto pela rádio? Ou tem vontade de se atirar para qualquer parte, sem poder mesmo sentir o prazer do descanso aborrecendo a a própria música? Isto não está bem; há qualquer coisa que não está certa. Não sabe o que é?

Talvez prisão de ventre. Evacua com regularidade? Mesmo assim, pode sofrer de prisão de ventre. A eliminação pode não ser completa e, neste caso, acumulam-se venenos no seu sangue, que lhe tiram toda a boa disposição.

Para estes casos, existe um remédio fácil e simples: — tomar uma «pitada» de Sa's Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurar o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde accentua-se dia a dia.

A pitada de **KRUSCHEN**

basta para que se sinta optimamente.

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lumbago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torçicolos, cainbras e fricrias; dores dos pés que se molestam com o andar) e tantos outros incômodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, **FRILAX** é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incômodos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8 \$ 50 — Bolião 13 \$ 50

Agentes: José Bento Costa, Lda.

Rua do Arco da Bandeira, 136 J.º LISBOA

Revista «Stella»

Fundada e abençoada por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Dom José, venerando Bispo de Leiria, «Stella» é a revista de que todas as senhoras cultas de Portugal devem ser assinantes. Além de artigos de orientação e formação, insere um pouco de tudo o que interessa uma senhora ilustrada e à la page que deseja o bem e o conforto do seu lar. Tem secções de modas, bordados, culinária, utilidades domésticas, etc.. Dirigir-se em postal à Directora da Casa de Nossa Senhora das Dores — Cova da Iria (Fátima), inscrevendo-se como assinante ou pedindo um exemplar à amostra. Preço à cobrança: esc. 25\$70 por ano.

LEITE MATERNO

Não ha nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Frasco, 20\$00 nas boas Farmácias

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	2.289.351\$79
Franquias, emb. transp. do n.º 220	5.212\$45
Papel, comp. e impressão do n.º 220	22.313\$25
N.º Administração	135\$20
Total	2.317.012\$69

Donativos desde 15\$08

José Freitas Lima, Marcotelos, Guimarães, 20\$00; D. Maria das Dores de Castro P. Lopes, V. N. de Fozcoza, 20\$00; D. Maria Vieira Vivo, Califórnia, 25\$00; D. Matilde A. Figueira Nobreza, Madeira, 25\$00; D. Olívia Brandão Almeida, Ovar, 20\$00; António Lopes da Silva, S. Paulo, 50\$00; D. Maria das Dores G., Porto, 30\$00; D. Maria de Nazaré Urbano, Sangaalhos, 20\$00; D. Deolinda Cardoso, Sulfite, 75\$00; D. Maria Silveira, Califórnia, 30\$00; D. Laura Barbosa, Senhora da Hora, 15\$00; João José Parente Ribeiro, Viana do C., 15\$00; D. Maria Faria do Amaral, Açores, 20\$00; D. Elmira da Cruz Corte, Funchal, 50\$00; D. Margarida Elvira T. Barbosa de Azeite, Penafiel, 15\$00; P.^o Afonso Ribeiro Moreira, Penafiel, 20\$00; D. Fernanda de Melo Lopes, Porto, 20\$00; D. Laura Carolina Lejas, Lisboa, 15\$00; J. L. Romero, Califórnia, 24\$80; D. Amélia Augusta Cardoso de Moura, Sinfães, 15\$00; D. Olinda Eugénia V. Gonçalves, Porto, 20\$00; António dos Santos Vieira, S. Paulo, 40\$00; Manuel Picão, Brasil, 20\$00; Abílio Lopes, Brasil, 20\$00; Angelo Neves Tavares, Redondo, 20\$; D. Maria Moreira da Silva, Paranhos, 15\$00; D. Ludovina Rosa Al. Assentiz, 50\$00; Augusto da Costa Macedo, Lisboa, 20\$00; Viscondessa de S. João, Torres Novas, 80\$00.

Graças de N.ª S.ª da Fátima

PALAVRAS MANSAS

O FRIO

NO CONTINENTE

João de Figueiredo Miroto — Canas de Sabugosa, diz que tendo uma sua filha doente com o tétano, os médicos desesperaram de a salvar, desenganando o pai e dizendo-lhe até que sua filha morreria na madrugada seguinte. Nesta contingência o pai recorre a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura da sua filha. Na madrugada seguinte àquela em que o médico anunciara o desenlace a menina, com voz de saúde disse ao pai: «Ah!... meu pai, já não morro». Chamado o médico encontrou-lhe acentuadas melhoras, e agora está completamente restabelecida.

Eduardo Augusto Pereira — Alcantara, Lisboa, diz que estando em risco de ter de amputar uma perna, alcançou a sua cura por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e de Santa Filomena.

D. Rosa Maria do Carmo Salsinha — Bensafim, diz: António do Carmo Rio tinha dois anos, quando principiou a andar. Começou então a inchar-lhe o joelho esquerdo que o fazia coxear.

Andou assim três anos, sendo tratado por um distinto clínico de Lagos. O mal aumentava sempre, chegando até a andar de rôjo e com dificuldade. Nem em muletas podia apolar-se. O médico declarara incurável a criança, receitando-lhe entretanto uma pomada, um aparelho de gesso, e em último caso a perna ser-lhe-la amputada pois já se encontrava atrofiada. Ouvindo a mãe do menino ler as graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima recorreu com fé à Senhora pedindo-lhe a cura do filho. Mandou vir água do Santuário da Fátima e começou a lavar o joelho do filhinho. Ao fim de três dias manifestaram-se melhoras; decorridos oito dias, já assentava o pé no chão, ao fim de quinze dias já andava. A cura foi completa causando admiração geral em todos que tiveram conhecimento do caso. Vem agradecer a Nossa Senhora tão grande graça tornando-a pública para maior glória da Santíssima Virgem.

Américo de Oliveira — Paredes de Coura, agradece a Nossa Senhora da Fátima o tê-lo atendido quando a Ela recorreu, pedindo-lhe a recuperação das faculdades mentais para Rosa Pereira, mulher dum amigo seu.

D. Maria Joana Teixeira Ramos — Valbom, sofria duma grave enfermidade — metrite — havia meses. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima e foi atendida, não precisando de ser operada.

Cheia de reconhecimento vem agradecer tão grande graça e outras muitas que Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou.

D. Palmira Soares — Pôrto, tendo obtido por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a cura de um tumor, vem cumprir a promessa de publicar a graça concedida.

D. Armanda Remé Coutinho — Lamago, diz que, tendo sua filha Lidia, de idade de um ano, atacada de enterite e meningite, consultou vários médicos que davam a criança como perdida. Um dia, vendo a mãe que a menina estava na iminência de morrer, caiu de joelhos e com grande aflicção pediu o auxílio de Nossa Senhora e do Senhor dos Passos. A menina principiou a sossegar e curou-se. Já hoje conta 7 anos e nenhum vestígio lhe ficou da meningite.

Agradecem graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

- Luis da Silva, da Aldeia da Cruz, Figueiró dos Vinhos.
- Maria de Jesus Pinto, do Pôrto.
- D. Lia Limão de Marcos, Almeida, S. Pedro do Rio Seco.
- D. Amélia Rosa Dias, de Seara, Póiares da Régua.
- D. Felicidade de Clamouse Bronne

Van Zeller Sepulveda, Póvoa de Varzim.

D. Ana Maria de Carvalho, da Quintela, Vila Real.

D. Maria Júlia de Mendonça Costa, de Lisboa.

D. Glória Diz Amorim, de Masedo, Monção.

D. Maria Helena Lima, Praça Mouzinho de Albuquerque, Lisboa.

D. Rita de Matos, da Lage, Mação.

D. Ana e D. Beatriz Mourão, de Castro Daire.

D. Palungra Gutmarde, Ficher, da Figueira da Foz.

D. Olívia Antónia Ruivo, dos Carvalhos, Gaia.

D. Maria Correia, de Castro Daire.

D. Rosalina de Jesus Pinto, do Pôrto.

Manuel Vitor Fungalvaz, de Torres Novas.

D. Mariana Tereza de Sousa Lopes, do Pôrto.

D. Maria do Nascimento Oliveira, de Vila do Nordeste.

D. Elvira Teixeira Pimenta, de Arouca.

D. Maria Isabel Covas Lima de Carvalho, de Beja.

D. Lucinda Rosa, de Penafiel.

D. Maria Glória de Figueiredo Moreira, de Vila Luis.

D. Francisca Arnaldo, Providence U. E. A.

Serafim de Oliveira Peizoto e Espôsa, de Freitas, Fafe.

D. Ana Pires Andrade, de Lisboa.

Lourenço Paulo, de Laureville, Bangalor, Índia.

D. Celeste Cunha, Castanheira do Ribatejo.

D. Tereza da Silva Vieira, de Britos.

D. Celeste Mascarenhas Duarte Sande, de Beja.

António dos Santos Vieira, de Olandia, Estado de S. Paulo, Brasil.

D. Júlia Fernandes Campos, de Vieira do Minho.

D. Maria da Assunção das Neves Gonçalves, de Beato, Lisboa.

D. Maria da Conceição, de Santiago da Guarda.

D. Maria Tereza Neves Claro, de Beja.

D. Ana Pereira, de Monte Córdova.

D. Ilda Maria Macedo Veríssimo da Costa Cadillau, de Coimbra.

D. Alice Novais Correia do Vale, Foz do Douro.

António Lopes Rosa, Cardigos.

D. Deolinda de Barros, S. Pedro do Vale.

Domingos Pereira Relha, Santa Catarina da Serra.

D. Maria do Carmo Pinto Leitão, do Vale Verdinho, Sabugal.

Casimiro Ferreira do Nascimento, das Caldas da Rainha.

D. Gracinda Maria Sousa Pacheco, do Pôrto.

D. Ana Almeida, Salvaterra de Magos.

D. Gertrudes Fanca e Marido, de Lisboa.

D. Rosa Fernandes, de Ovar.

D. Elvira Augusta dos Santos, de S. Carlos.

José de Mello, America.

Joaquim Craveiro, Visalia, Califórnia.

D. Francisca Craveiro, ibidem.

Domingos Palente de Almeida Bastos, Pardelhas.

D. Beatriz de Oliveira Rocha, de Cambres.

José de Meireles Moreira Aranha, de Castelo de Paiva.

José Gomes da Silva, de Gaia.

D. Juliana Topa, de Peniche.

D. Emília Durão, de Óbidos.

A. R. Baptista, de Lisboa.

D. Maria Elvira Cruz Boavida, de Tortozendo.

D. Maria Margarida Coelho, de Viana do Castelo.

D. Maria da Assunção Baptista Ferraro Vaz, de Famalicão.

D. Maria de Jesus Correia, das Pedras Salgadas.

D. Maria Carolina de Barbosa Pereira de Melo, de Gaia.

D. Maria Boidalo, de Lamago.

D. Maria Amália Gonçalves, de Arganil.

D. Ermelinda de Castro Norton de Sousa Pires, de Gaia.

D. Maria da Natividade Soares Pereira Duarte, de Lisboa.

D. Maria de Jesus Sousa Magalhães, de Penafiel.

António Roque da Silva, de Oliveira de Azemeis.

João Cactano Serra, de Manteigas.

D. Carolina Malheiro e Lemos, de Lousada.

Carlos Antunes Paiva, Vila Nova do Ceta.

Manuel Dionísio Cardoso, de Godim, Régua.

D. Lúcia Gomes dos Reis, de Mafra.

D. Maria Augusta Brito Amaro, de Rio de Motinhos.

D. Ana Peizoto Costa Real Pereira.

NA MADEIRA

D. Maria de Oliveira, Funchal.

D. Cecilia Spranga, ibidem.

Eduardo Abel Vieira, Beco dos Arrifes.

D. Maria Vieira Alvares Costa, Funchal.

D. Maria Isabel, ibidem.

NOS AÇORES

D. Maria Madalena Duarte Menezes, da Aguaiua, Terceira.

António Pereira da Cunha, Terceira.

Tertuliano de Vargas, de Castelo Branco, Faial.

D. Maria da Conceição, do Faial.

D. Felicidade Avila, Conceição da Horta.

D. Maria da Conceição Avila, de Angra.

D. Carolina da Conceição Dias Reis, de S. Miguel.

D. Leopoldina Reis, do Tópo, S. Jorge.

D. Natália Silva, S. Miguel.

D. Maria do Carmo Baptista Medeiros, da Ribeira Grande.

NO BRASIL

D. Luisa Castelo-Branco, Ceará.

D. Joana Correia Lima, Fortaleza.

D. Adelaide Gorgão Pessoa, Asacati.

D. Gertrudes Araújo Guabiraba, Fortaleza.

D. Altina Santiago, Ceará.

D. Conceição Baptista Lourenço, Rio de Janeiro.

Manuel Ferreira Torcato, Vera Cruz.

D. Maria Judith, ibidem.

José Rodrigues Pascoal, Tentúgal.

Cruzados de Fátima na Arquidiocese de Braga

Para se avaliar do progresso e esplendor desta Obra de Deus na gloriosa Arquidiocese Primaz, basta saber-se que, no ano de 1939, foram celebradas ali mais 2.180 Missas, foram celebradas ali mais 2.180 Missas pelos associados vivos e defuntos da Arquidiocese, o que prefaz o total de mais de 16.000 Missas, desde o início do movimento.

Foi de 1.001.244 o número de exemplares de «A Voz da Fátima», distribuídos durante o ano. Oxalá nenhum se perca, mas todos se aproveitem.

Que Nossa Senhora de Fátima continue a abençoar a Sua Obra e dê a santa perseverança à Legião imensa dos Seus Cruzados!

É dever de todo o católico

Munir-se dos indultos pontifícios desde já.

Os do ano passado caducaram definitivamente no dia 31 do mês passado.

Os privilégios e graças que nêles se concedem só podem ser usufruídos depois de termos tirado os indultos.

Não basta querermos tirá-los na Quaresma: é preciso tê-los tirado já.

A esmola que se dá e que deve ser da taxa marcada tem as melhores aplicações que se podem imaginar: igrejas pobres, seminários e missões.

Há num livro de Camilo uma pobre mulher, que, a meio caminho da vida, se refugia numa aldeia serrana, em Três-os-Montes.

Deixou tudo na cidade, até o nome deixou. É inútil interrogá-la. Do seu passado não diz palavra a ninguém.

Aceita dos lavradores, aqui e além, como os mendigos, um pouco de pão e uma tigela de caldo. Não quer mais nada.

Oferecem-lhe gasalhado, pelo menos uma cama quente e abrigada numa dependência da casa. Pelo inverno, na serra, ninguém ousa passar as noites ao relento. Ela agradece, com as lágrimas nos olhos, mas prefere dormir no alpendre da capela, sobre as lages, envolta simplesmente numa manta de burel.

E lá fica, sem mais resguardo e sôzinha, mesmo nas noites de chuva e neve, em que o vento agreste e sibilante varre de lés a lés o alpendre da capela! Quando desperta, é para ver na escuridão serrada o seu passado ou nas estrélas do céu a sua esperança...

Ainda o dia vem longe, e já ela a pé, primeiro do que ninguém, tange o sino para a missa e para a oração da manhã.

— Louvado seja Deus! diz a boa gente do povo, mal acorda, louvado seja Deus, que a penitente ainda é viva!

Dão uma sensação viva de frio, ou dizendo talvez melhor, são, a espaços, como flocos de neve as palavras de Camilo. Há qualquer coisa de dantesco e de acentuadamente místico na descrição desta penitência cristã, tão humilde, austera e dura. Nem elê a saberia fazer se não tivesse vivido; lá na serra, junto do P.º António de Azevedo, fervoroso e bom missionário, para o ver, às noites, sentado na cama, banhado de luar, rezando os quinze mistérios por umas contas monásticas.

Contribuiu muito para a santidade de santa Teresinha a paciência com que ela sofreu o frio de Lisieux, que as carmelitas, na sua imolação comovedora, nem sempre procuram evitar. Pelas longas noites geladas, a santinha, mais perto do Menino Jesus do Presépio, rezou talvez, mentalmente, as suas orações mais fervorosas e belas, mas o desconforto devia doer muito à sua compleição nervosa e delicada.

Quando bate à porta dos bons, o frio, que nos oferece na neve uma imagem da pureza, atormenta e santifica... É uma das suas formas de bendizer o Senhor...

No que eu tenho pensado nas noites que vão correndo, como se estivesse em Paris, no Bairro Latino, a contas com aquelas noites imortais, de que tanto se queixava António Nobre! Até me lembraram os versos em que António Feijó, de Stokolmo, entre os gelos, diz à sua terra portuguesa, muito linda e muito querida:

«Morro de frio, vem-me aquecer!»

Num caderno de apontamentos, que tenho sempre perto de mim, esta pobre caneta, há dias, muito instada, escreveu isto:

Virtudes do frio.
Prende ao aconchêgo da casa. É sempre pela união da família.

VOZ DA FATIMA

Em virtude de não se fazer a cobrança aos assinantes da «Voz da Fátima», confiados no seu cuidado em livremente a satisfazerem, muitas assinaturas estão por pagar; rogamos portanto aos nossos piedosos assinantes que, lembrados das grandes despesas que uma tal publicação traz inerentes e sobretudo nos tempos de crise que atravessamos, queiram ser pontuais nos pagamentos de suas assinaturas.

Obriga os peões a estugarem o passo. Contra a preguiça, deligência.

Fomenta o comércio das lãs e esvasia os depósitos de combustíveis. Força os senhores a pensarem melancolicamente nas meias grossas, nas saias compridas, as meias e as saias de outras eras...

A seguir estas duas notas:

Pela noite morta e gelada, só de longe a longe se sentem passos na rua. Tenho dado por isso tanta vez! O guarda nocturno, o polícia de segurança, o varredor municipal expõem-se ao frio inclemente, enquanto os filhitos dormem quentinhos em casa. Ainda bem que este contraste é um acidente edificante no panorama moral da cidade adormecida...

Vejo passar uma pobre mulher do povo sem chaille, sem agasalho, que procura aqueitar as mãos na desbotada chita da blusa. Segue-se vagarosamente um filhito de quatro ou cinco anos em cabelo e com as meias muito roxas, que se queixa e quasi chora com frio.

Com que ternura a mãe lhe fala! Só ouvindo-a! A pobre mulher imagina que o aquece pondo na voz a alma e o sangue do coração... E lá vão indo...

Ainda neste sentido é verdadeira a palavra de Bossuet: — ó pobres, como vós sois ricos!

Frio, muito frio. Tanto, que a triste da mão esquerda nem sabe o que vai fazendo, quasi heróicamente, a mão direita.

Correia Pinto

Figuras da Fátima

D. Estêvão de Alencastre

No desenvolvimento prodigioso que durante estas duas dezenas de anos tem tido o culto de Nossa Senhora da Fátima têm-se vindo enertando no seu maravilhoso fundo inúmeros figuras de todo o Portugal e até de além fronteiras.

Foi assim que em Agosto de 1930 celebrava a Missa dos doentes e Incuráveis a bênção com o SS.º Sacramento uma simpática figura de Bispo vindo das remotas ilhas Haway ou Sadwich. Era o Senhor D. Estêvão de Alencastre, filho de portugueses e português éle mesmo pois nascera na Ilha de Pôrto Santo.

Pequeno ainda fôra com os pais para esse país longínquo.

Al estudou, entrou em religião e foi encarregado de vários ministérios junto dos numerosos portugueses que ali vivem e mais tarde eleito Bispo das Ilhas de Haway.

Esteve em Leiria, em Ourém e na Fátima de cuja peregrinação guardou sempre inolvidável e edificante memória e tinha intenção de voltar.

Chamou-o há pouco Deus a si quando regressava dos Estados Unidos a Honolulu capital da sua Ilha. Deus o tenha em Sua santa gloria.

D. Maria Clementina Figueiredo Lima Tavares de Sousa

Em Coimbra, apesar de todos os cuidados da medicina e da carinhosa assistência de seu pai e nosso ilustre colaborador, o sr. Doutor Joaquim Alberto Pires de Lima, Lente de Medicina, e do seu marido o sr. dr. Armando Tavares de Sousa, Assistente da Faculdade de Ciências de Coimbra, faleceu no dia 15, num quarto particular do Hospital da Universidade, a sr.ª D. Maria Clementina Figueiredo Lima Tavares de Sousa. Aos nossos leitores pedimos uma prece por sua alma.

A seus saudosos pai e marido os nossos sentidos pêsames.

CRÓNICA FINANCEIRA

O Papa Pio XII e a Fátima

O benemérito sr. X

Já há muito que não falamos da França aos nossos prezados leitores... e a França é nação de tal prestígio que mesmo vencida, humilhada, mesmo assim, empobrecida, o mundo continua com os olhos postos nela.

não têm tóda, nem no espaço, nem no tempo. Quere dizer, as responsabilidades do actual desastre não cabem só à última década; e as deste período não são apenas dos governantes.

Pacheco de Amorim

Palavras dum Médico

(Nova série)

VI

Úlcera de estômago

Para poder digerir os alimentos, prepara a mucosa estomacal um suco impregnado de ácido clorídrico.

Quando a produção desse ácido é excessiva, o doente sente um mal estar vulgarmente chamado azia.

Esse desagradável estado pode agravar-se e a acidez do estômago pode exagerar-se a ponto de produzir transtornos graves.

O excesso de ácido clorídrico pode determinar a corrosão mais ou menos intensa duma zona da mucosa gástrica, provocando assim a produção duma úlcera de estômago.

Em virtude dos defeitos ou excessos da nossa alimentação e talvez da falsificação dos géneros alimentícios, é hoje muito vulgar aquela doença, que se manifesta principalmente por azia, dores muito violentas e vômitos de sangue.

É grave a úlcera do estômago e o seu diagnóstico é, por vezes, difícil, apesar do maravilhoso recurso do Raios X.

Com dieta apropriada e o uso de certos medicamentos, curam-se grande número de úlceras de estômago.

Só quando a dieta e os medicamentos deixam de dar resultado é que deve pensar-se em operação cirúrgica.

Apesar dos grandes professores de medicina operatória, sou de parecer que, tanto os médicos como os doentes, têm muito a lucrar obedecendo ao aforismo formulado por Hipócrates, o pai da medicina, alguns séculos antes do começo da nossa era.

Para significar que só devíamos recorrer à cirurgia quando os medicamentos falhassem, disse Hipócrates: «O que os medicamentos não curam, o ferro cura».

J. A. Pires de Lima

O MAIOR MILAGRE DA FATIMA

POR BERTA LEITE

No limiar de 1941, novo ano que se anuncia pesado, para os portugueses que não cuidarem de bem cumprir o seu dever de católicos, a Fátima continua a ser o doirado sol de Portugal.

Portugal dos Centenários passados como dos Centenários futuros, sempre igualmente devoto da Virgem Santíssima.

A Fátima é grande admiração dos que julgaram ver nas primeiras peregrinações a devoção eterna mas variável do povo, que usa muitas vezes, sem motivo, mudar de romarias.

A Fátima só não ficará na História dos que a não trataram com a probidade que lhe é devida.

A Fátima não é comparável a nenhuma outra devoção dos povos, porque nunca os povos, sofrendo, o que hoje sofrem, puderam mais claramente atribuir à protecção da Mãe de Deus a salvação dos que, através de todos os tempos, lhe souberam querer como os portugueses.

Devoção humilde mas firme, obscura mas luminosa, feita de penitência mas feliz, e quasi alegre nas provações impostas.

Nem tudo tem sido rosas na vida do povo de Portugal, que pôde ver coroados de rosas e louros os seus Centenários.

Mas pela mansidão com que sempre aceitou os espinhos dessas rosas tem hoje a mais dos louros a graça da Mãe Santíssima que o ampara e defende da maior guerra de todos os tempos na espantosa fogueira em que a Europa se consome.

CRUZADOS DE FATIMA

Para tudo que diga respeito à Piedosa Associação dos Cruzados de Fátima, reclamações de jornais, aumento de Trezenas, requisição de patentes e de distintivos, etc. devem dirigir-se aos Rev. Directores Diocesanos nomeados para tal fim por os Ex. Prelados de cada Diocese.

OS NOIVOS PIEDOSOS

Já não dispensem no dia do seu noivado duas cerimónias encontradas que afinal se resumem numa só — consagrarem-se ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora do Fátima. Em todas as casas de noivos desde o dia da fundação do novo lar se vê a iluminar a vida da nova família o sorriso maternal de Maria.

Porque se não há-de ver o mesmo espectáculo em todas as casas? Porque não há-de consagrar-se-lhe todas as famílias? Porque há ainda tantas que não entronizaram no seu lar a Nossa Senhora do Fátima?

Maria é nossa Mãe e Padroeira de Portugal e a grande Protectora da Acção Católica.

Caminha seguro quem se lhe confia. Maio vai ser o mês de entrega do LIVRO AZUL DAS FAMÍLIAS CONSAGRADAS A NOSSA SENHORA DA FATIMA.

Consagre-se. Mande-lhe estampas para si e para os seus amigos. Peça-as à GRÁFICA — LEIRIA.

Preço — 5\$00.

Com a espingarda ao ombro, a barretina posta para trás deixando a descoberto a fronte larga e bronzeada, o guarda florestal propositadamente fazia com as grossas e altas botas uma restolhada na espessa camada de fôlhas secas a fim de dar o alarme da sua presença a quatro garotos que, mal o presentiram, partiam a desfilada e sumiam-se no fundo da mata.

Apertando despreocupação, o homem continuou a caminhar sob o arvoredor despido ou, aqui e ali, revestido ainda de folhagem retorcida e ferrugenta, à excepção dos pinheiros cujo tom verde-negro mais parecia enristecer que realçar a paisagem naquela tarde sombria de inverno.

Não tinha andado muito quando se lhe deparou o que, aliás, ele esperava desde que tinha enxergado umas manchinhas esbranquiçadas que se moviam dum lado para o outro e lhe havia chegado aos ouvidos um vozear de crianças: alguns montículos de lenha miúda a que faltava só passar uma corda e carrear para casa.

Todos os invernos era uma ralação para o bondoso guarda. Os pobres, principalmente aquela ninhada do Gonçalo Serrador, não se emendavam de ir por ali à lenha; ele, não se emendava de lhes fazer vista grossa, e o proprietário menos se emendava ainda da sua sornice, proibindo expressamente que a canalha ali penetrasse fosse para o que fosse. E certo que, lá de longe em longe, aparecia nas colunas do noticiário regional o sr. X oferecera ao Hospital ou ao Orfanato uma ou algumas carradas de lenha, cestos de legumes, fruta ou erlação, mas o caminhante, o mendigo, o velhinho ou a criança esfarrapada e enregelada, não se aproximavam sequer da imponente moradia que uns cães mais imponentes ainda defendiam ferocemente. O benefício oculto, anónimo, esse, era desconhecido, senão desprezado pelo rico e considerado sr. X.

Lá que ele negasse outra esmola, já que tinha tal amor ao dinheiro — ia dizendo consigo o guarda — ainda vá, mas a lenha, que ficava por ali a apodrecer enquanto os pobres, em miserios casebres, tiravam dia e noite, não havia direito! E como de outras vezes ia começar, com a coronha da espingarda, a desfazer as pilhas de garavetos que podiam vir a ser causa de trabalhos para si — admoestado já mais duma vez pela sua falta de zelo — e para o Gonçalo Serrador, quando a chuva principiou a cair em gotas largas, pastosas, geladas. Olhou para o céu toldado de nuvens negras e, lembrando-se do patrão que partira de manhã a cavalo para ir longe caçar, resmungou:

— Anda... que se não vens já, apanhas uma casaca... O pior é o cavalo, coitado, porque o dono foi bem acatelado... não lhe chega a água ao pélo, não! É pena... que era para saber de que mal os outros sofrem...

E pôs-se a andar apressado para ir recolher-se.

Na verdade o sr. X tinha saído bem equipado com seus safoes e casaco de coiro, mas na volta errara o caminho, a noite caíra cedo e escura como breu, e se a ele lhe não faltava nada do que pôde adquirir-se com dinheiro, faltava-lhe a paciência e a resignação para as contrariedades a que todos estamos sujeitos. Fustigado pelo vento e pela chuva, com a alma mais fria ainda que o corpo, assim andou léguas e léguas, ao instinto do cavalo, sem discernir nas trevas claridade, por fraca que fosse, que lhe indicasse choupana ou povoado. Agora, porém, o cavalo recusava-se a andar e por entre os gemidos do vento qualquer outro som lhe chegava aos ouvidos... Sim... era o chorar duma criança...

Havia por ali gente... uma casa decerto. Apeou-se e mergulhou os olhos avidamente na escuridão. Lá estava, mesmo ao alcance da mão, uma parede, uma porta sob a qual se escapava uma réstega de débil luz. Alvorocado bateu e, ao perguntarem-lhe de dentro quem era, respondeu:

— Um caçador que se perdeu e que

pode recompensar bem o abrigo que lhe derem!

Imediatamente a porta abriu-se e uma voz dizia:

— Ah, senhor... a nossa pobreza é grande, mas ao menos não chove cá dentro... Faça favor de entrar... Eu lhe vou recolher o cavalo, aqui ao lado, no telheiro do vizinho...

E o homem, embuçado num velho capote salu, enquanto o sr. X avançava para a lareira de onde vinha mais fumo que calor e junto da qual se encontrava enrodilhada uma mulher com quatro crianças, uma das quais não deixava de chorar, apesar dos esforços e das carícias da mãe.

Espantado, o rico proprietário pulou do relógio.

— Mas que é isto? perguntou. São quasi três horas... porque não estão vocês deitados?

— Ai, meu senhor, suspirou a mulher, a gente bem quis enroscar-se todos ali naquela enxada, mas a roupa é pouca e não parávamos com frio... Tivemos de vir acender o lume mas a lenha também é tão fraca...

— E a gente tem tanta fome, acrescentou um dos garotos.

Também o sr. X — pela primeira vez na sua vida — tinha fome e de nada lhe servia a bolsa nem a carteira ainda que bem guarnecidas. Tinha fome e tinha frio — e pela primeira vez também — pensava no frio e na fome dos outros.

Aquêle quadro de miséria ao pé-lido clarão dalguns cavacos mal secos, aquela criança que apenas deixava de chorar para se pôr a gemer de modo ainda mais confrangedor, nunca mais lhe passaria da memória e seria o início duma vida nova, duma vida que ele estava, todavia, bem longe ainda de supor tão bela, tão cheia de compensações e consolacões.

Mas eis que o homem, recolhido o cavalo, abre a porta, entra e solta uma exclamação:

— Ah!... Pois é o sr. X?!... Mas está a dois passos da quinta!... Nem sequer a meia légua de casa! Bem me pareceu que lhe conhecia a voz... Venha, meu senhor, que eu lhe ensino o caminho mais curto... Agora não chove...

Era o Gonçalo Serrador. Falara naturalmente mas uma certa amargura lhe apertava o coração. Poucas horas antes ainda os filhitos lhe tinham contado da aparição do guarda quando eles se dispunham a levar os seus feizeiros de garavetos ao que ele respondera corajosamente, lembrando-se de que, acima de tudo, não devia perder ocasião de inculcar nas crianças o sentimento da honradez:

— O guarda andava a fazer o seu dever, e vocês, que sabiam que era proibido ir ali à lenha, é que não deviam ter lá posto os pés...

— Mas, pai, ripostara o mais velho, um homem tão rico e tão sovina o que merecia era...

— O que lhe merce, não é conhecido, atalhou o Serrador, com severidade. Lá está em cima quem o julgue. Nosso Senhor mandou aos ricos que repartissem com os pobres, mas nunca disse aos pobres que tirassem aos ricos... Percebem vocês? Isso são as cantigas dos bolchevistas... Para mim não me servem... Entendem?

Era nestas palavras que o bom homem meditava ao chegar com o sr. X à porta da casa.

— Entre, disse-lhe o rico afectuosamente. É só um instante enquanto se arranja aí qualquer coisa num cabaz para levar à sua gente. É para amanhã, para aquilo de que mais necessitarem...

Num gesto brusco, o sr. X — o novo sr. X — levou a mão à carteira e, sem contar, tirou dela algumas notas que meteu na mão do Serrador embasbacado...

M. de F.

LIVROS NOVOS

Recebemos e agradecemos Paz e Alegria, pelo P. Germain Foch, S. J., versão do P. Soares Pinheiro, Livraria Cruz, Braga, 1941.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

no mês de Janeiro

Table with 2 columns: City and Circulation. Includes Algarve (5,408), Angra (20,229), Aveiro (7,903), Beja (3,548), Braga (83,317), Bragança (12,036), Coimbra (13,802), Évora (4,814), Funchal (16,147), Guarda (19,702), Lamego (11,973), Leiria (14,264), Lisboa (11,514), Portalegre (10,897), Pôrto (52,602), Vila Real (24,582), Viseu (9,722).

322.463

Estrangeiro 3.195

Diversos 11.894

337.552

Este número foi visado pela Censura